

EDUCAÇÃO E SAÚDE: AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs)

Geam Felipe Lima Santos¹; Fatima dos Santos Silva²; Eduardo Gomes da Silva Filho³;
Rodrigo Rafael Maia⁴; Mário Luiz Farias Cavalcanti⁵

*Universidade Federal da Paraíba - geam_felipe@outlook.com¹; fa_2004@msn.com²; eg990099@gmail.com³;
rodrigomaia_ufpb@hotmail.com⁴; mariolfcavalcanti@yahoo.com.br⁵ (Orientador)*

Resumo: Os adolescentes passam por diversas transformações durante a puberdade. Nesse sentido, é comum nessa faixa etária, compreendida entre 15 e 19 anos, o surgimento das numerosas dúvidas, e que os deixam bastante confusos e inquietos, principalmente no que diz respeito à sexualidade, assunto que ainda é considerado um tabu. É nesse período de transição, mudanças, emoções e sensações, bem como inversões da própria sociedade que os adolescentes, muitas vezes acabam por manifestarem sua sexualidade de diversas formas, entre elas, e mais preocupante, a prática sexual precoce e desprotegida. Por esse motivo, o trabalho tem como objetivo avaliar o conhecimento dos alunos da primeira série do ensino médio, sobre as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e no segundo momento, por meio de uma intervenção, buscando agregar conhecimento, numa perspectiva de construção da cidadania, e desconstrução do conhecimento errôneo, advindos da rua, de conversas informais com amigos. Vale ressaltar, a escola como sendo um espaço de socialização, produção e disseminação do conhecimento, sendo essa também, o ponto de encontro onde a maioria dos adolescentes passa o tempo. É importante que os profissionais da educação trabalhem intervenções com esses temas, de forma que, aproxime o educando da realidade. A pesquisa foi dividida em etapas sequenciais. 1) Aplicação dos questionários para avaliar o conhecimento prévio dos educandos. 2) Análise dos dados 3) Intervenção pedagógica, trabalhando em cima das informações coletadas inicialmente, por meio de uma palestra e rodas de conversas para tentar sanar dúvidas existentes. Foi possível concluir que, ainda existem lacunas a respeito do tema, por isso, essas intervenções devem ser trabalhadas de forma contínua com esses educandos. Nota-se também que a Aids é a mais conhecida, deixando as outras ISTs no esquecimento. Esse é um dado crucial, para que os docentes, bem como o governo possam trabalhar em função dessas informações. O apoio do governo numa perspectiva de construção de políticas públicas voltadas para esse público é de extrema importância, não só para os educandos, mas também para os profissionais que encontram-se todos os dias nas escolas, lidando com esse tipo de questionamento, e recuando na maioria das vezes, por não estarem preparados.

Palavras-chave: educação, saúde, adolescência.

Introdução

É na fase da adolescência que os jovens passam por diversas transformações, sejam elas, de caráter biológico, psicológico e social, onde o corpo encontra-se em constante desenvolvimento. De acordo com os dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde (OMS) (1986 apud CAMARGO e FERRARI, 2006) a adolescência é a idade correspondente dos 10 aos 19 anos, sendo a pré-adolescência dos 10 aos 14 anos e a adolescência, propriamente dita, dos 15 aos 19 anos. Sendo assim, é comum nessa faixa etária,

compreendida entre 15 e 19 anos, o surgimento de numerosas dúvidas, e que os deixam bastante confusos e inquietos.

O conceito errôneo é bem preocupante, uma vez que, sendo esse um tema amplo, é visto pela sociedade de maneira limitante, muitas vezes até evitado. Além disso, a maioria das pessoas quando falam de sexualidade, consideram apenas os fatores biológicos e à prática sexual em si. E deve-se compreender que a “Educação Sexual, tomada num sentido mais amplo, compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre um indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual.” (WEREBE, 1977, p.78). Obviamente, é necessário observarmos os múltiplos contextos, e conhecimento associado às esferas como o psicológico, social, histórico e cultural.

Os adolescentes, muitas vezes acabam por manifestarem sua sexualidade de diversas formas, entre elas, e mais preocupante, a prática sexual precoce e desprotegida. Vale ressaltar, que a maioria não se sente à vontade para conversar com pais ou professores, por diversos fatores. E o contrário ocorre, pois, “A maioria dos pais acham constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, ora pela educação recebida de seus pais, ora pela repressão ou por não saberem como abordar o tema” (BERALDO, 2003, p. 104).

Outro fator, que devem ser observados decorrentes dessas relações precoces e desprotegidos, são as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). “A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima no mundo mais de 1 milhão de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) por dia. Ao ano, estima aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase” (Boletim Epidemiológico, 2016, p.3). Os dados corroboram que, os adolescentes também estão inseridos nesses dados, o que causa grande preocupação.

Tendo em vista a escola como espaço de socialização, produção e disseminação do conhecimento, sendo essa também, o ponto de encontro onde a maioria dos adolescentes passa o tempo. É importante que os profissionais da educação trabalhem intervenções com esses temas, de forma que, aproxime o educando dessa realidade. Já que, a orientação sexual é um tema transversal proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não impedindo que o professor possa desenvolver atividades, refletir e problematizar sobre sexualidade com seus alunos. O documento deixa explícito que “cabe à escola o propósito de possibilitar aos alunos o domínio de instrumentos que os capacitem a relacionar conhecimentos de modo significativo, bem como a utilizar esses conhecimentos na transformação e construção de

novas relações sociais. ” (BRASIL, 1997, p41).

Por esse motivo, o trabalho tem como objetivo no primeiro momento, avaliar o conhecimento dos alunos da primeira série do ensino médio, sobre as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e no segundo momento por meio de uma intervenção, buscando agregar conhecimento, numa perspectiva de construção da cidadania, e desconstrução do conhecimento errôneo, advindos da rua, de conversas informais com amigos.

Metodologia

O presente estudo foi desenvolvido através das atividades realizadas pelos alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A referente pesquisa teve como campo de estudo uma escola estadual, situada no centro da cidade de Areia-PB a 136 km da capital, João Pessoa. O questionário foi aplicado com uma amostra 76 educandos da primeira série do ensino médio.

A pesquisa foi dividida em etapas sequenciais. 1) Aplicação dos questionários para avaliar o conhecimento prévio dos educandos. 2) Análise dos dados 3) Intervenção pedagógica, trabalhando em cima das informações coletadas inicialmente, por meio de uma palestra e rodas de conversas para sanar as dúvidas ainda existentes.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionários, nas quais as questões foram selecionadas pelos bolsistas do programa, em seguida aplicados individualmente em sala de aula, mediante a autorização da professora. Além disso, foi explicado aos educandos que não havia necessidade de identificar-se, e caso não viesse a responder o instrumento de coleta de dados, o mesmo não sofreria nenhum prejuízo.

As questões propostas aos alunos foram as seguintes:

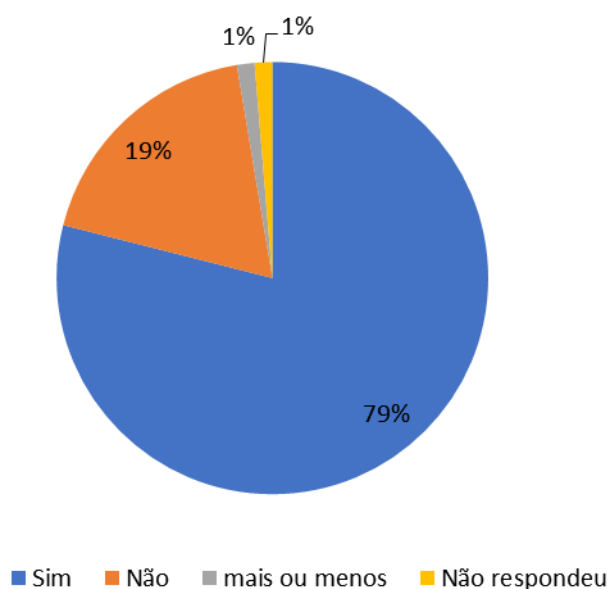
1. Você tem conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)?
2. Quais as principais ISTs?
3. De que forma as ISTs são transmitidas?
4. Onde você busca informações sobre sexo, sexualidade e ISTs?

A palestra teve enfoque introdutório sobre as questões de sexualidade e aprofundou-se nas IST, transmissão e métodos de prevenções. Durante a palestra, disponibilizou-se um envelope para os alunos que quisessem tirar dúvidas sem identificar-se, deixando no mesmo os seus questionamentos.

Resultados e Discussão

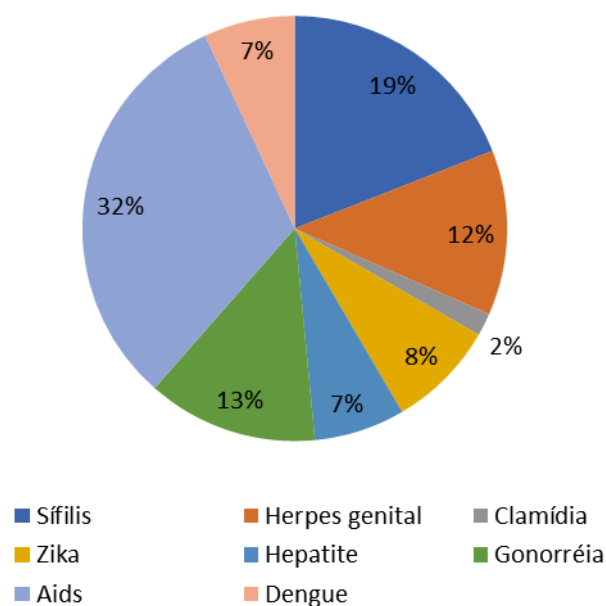
Os resultados foram extraídos através da tabulação dos 76 questionários que foram respondidos pelos educandos que se disponibilizaram a participar do estudo. Nos dados estatísticos (79%) afirmaram ter conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis, mas que iremos analisar de forma mais detalhada no decorrer desse trabalho, pois existe a possibilidade de um conhecimento falseado (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Resposta sobre o questionamento “Você tem conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)?”



Para confirmarmos os dados do Gráfico 01, se realmente os educandos sabiam sobre ISTs, pedimos que eles marcassem as principais ISTs que conheciam, ou já ouviram falar. Nesse gráfico, notamos o quanto o conhecimento dos alunos se apresentam de forma falseada. Observamos que, a IST mais conhecida por é a Aids (32%), as outras apresentam-se com dados estatísticos bem baixos, como por exemplo, a clamídia que correspondeu a apenas 2%. Revelou-se também, a falta de conhecimento desses alunos, quando citam dengue (7%) e a zika (8%), como sendo infecções sexualmente transmissíveis, ou seja, ficou notório uma distorção nas informações, bem como a falta de conhecimento das demais patologias.

Gráfico 02 – Resposta sobre o questionamento “Quais as principais ISTs?”

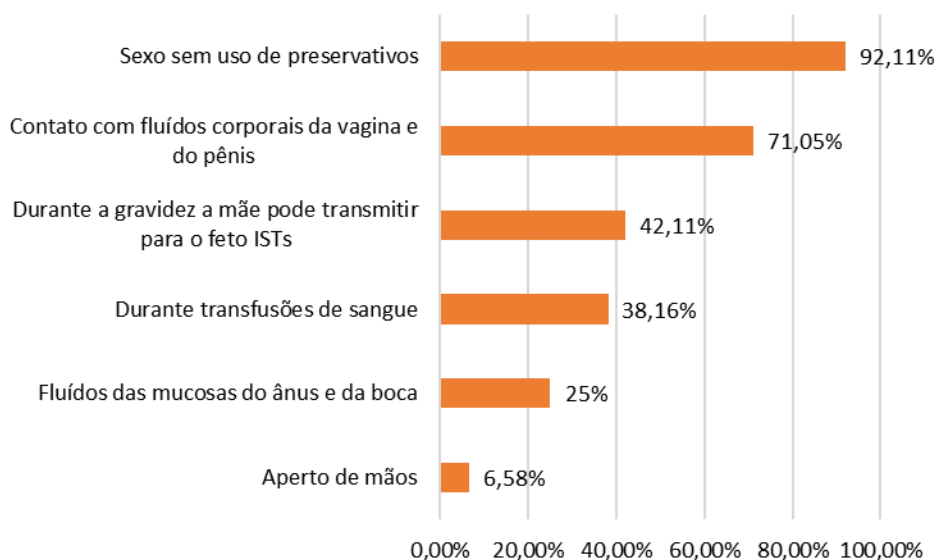


Não podemos negar que, a mídia tem um papel fundamental ao divulgar informações, sendo essa de maior alcance pelos adolescentes, como percebemos ao analisar o Gráfico 04. Então, atribui-se essa maior porcentagem dos educandos em relação a Aids, pelo fato de que, as campanhas de prevenção que são divulgadas em épocas específicas do ano, como por exemplo nas festas juninas, carnaval, etc., dão ênfase apenas a Aids. É preciso que, as políticas públicas venham com divulgação mais intensa para os perigos das ISTs de uma forma geral.

Fomos ainda mais adiante nos questionamentos e perguntamos aos alunos como eram transmitidas as ISTs. Nos questionários disponibilizamos as alternativas observadas na legenda do Gráfico 03, onde os educandos poderiam marcar as formas de transmissão que conheciam. Destacou-se nas análises que, a prática da relação sexual sem uso de preservativo é a forma de transmissão mais conhecida, pois 70 (92%) citaram, tendo como a segunda mais citada, o contato com fluidos da vagina e do pênis com 54 (71%). Nesse sentido, notamos que maior parte dos alunos sabem que, para evitar ISTs a forma mais seguro é o uso do preservativo, sabem também que, através do contato com fluidos dos órgãos como a vagina e o pênis, podem ser transmitidas as infecções. Mas, ainda existem algumas lacunas, pois menos de 50% da amostra, apontaram transfusão de sangue 29 (38,16%), durante a gravidez transmitindo para o feto 32 (42,11%). Além disso, quase desconhecem os riscos que os fluidos do ânus e da boca 19 (25%), podem trazer, isso nos chama atenção, uma vez que, as relações sexuais orais, bem como anais, também devem ocorrer com proteção. Foi notório,

um conhecimento ainda muito generalizada sobre as formas como são transmitidas as ISTs.

Gráfico 03 – Resposta sobre o questionamento “De que forma as ISTs são transmitidas?”

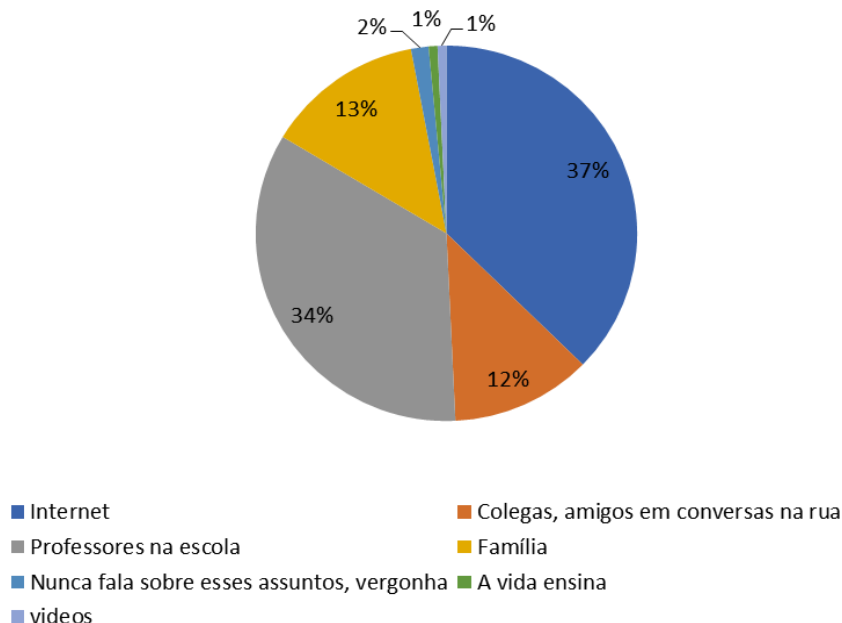


Consideramos importante saber onde esses educandos buscavam se informar sobre questões relacionadas a sexualidade e ISTs. Foi nesse momento que, observamos o papel da internet nesse contexto, pois (37%) dos educandos, citaram que buscam essas informações na internet, isso não é novidade, uma vez que, estamos em mundo globalizado, onde a maioria dos estudantes, tem celulares, notebook, e usam a internet como ferramenta para buscar informações, mas em fontes nem sempre confiáveis. Enquanto (34%) citaram que, buscam essas informações com os professores, na escola. Ou seja, os professores têm papel fundamental e de total confiança para esses educandos, enfatizando a importância de se trabalhar os conteúdos transversais. Esses docentes devem atualizar-se a respeito dessa temática, para assim ajudar o discente a construir seu conhecimento. Apenas (13%) procuram a família como fonte de informação e esse baixo percentual pode ser justificado pelo tabu acerca do tema nas famílias, havendo por parte dos filhos um desconforto, acompanhado medo. Percebemos também, que (12%) desses alunos obtém informações na rua, com amigos, o que aumenta a probabilidade de obterem informações equivocadas. É nesse momento que, o professor entra em ação, com o objetivo de desconstrução dos conceitos errôneos.

A relação com a família torna-se crucial, sendo essa também fonte segura para obter informações. Lins et al. (1988) ressaltam a importância que a família e escola tem nesse processo, uma vez que a educação sexual provém dessas duas instituições, sendo assim ambas deveriam ser mais efetivas e eficazes, no que diz respeito a falar

mais sobre os temas, e oferecer informações seguras aos educandos.

Gráfico 04 – Resposta sobre o questionamento “Onde você busca informações sobre sexo, sexualidade e ISTs?”



Por isso, as políticas públicas nessa área, também devem abranger os profissionais da educação. Já que, orientação sexual é um conteúdo transversal. Sendo esse, um conteúdo importante na construção da cidadania, da identidade do educando. Como já nos afirma Figueró (2003) Embora os educadores tenham conhecimento da importância da educação sexual na vida dos educandos. É comum, na maioria das vezes, se sentirem despreparados, inseguros, para falar sobre assuntos relacionados a sexualidade. Com razão, pois não se pode falar de um assunto, no qual não se teve formação inicial, muito menos continuada para isso. É preciso entender que “Na escola, os educadores devem estar capacitados para lidar com essa trajetória biopsicossocial e pedagógica. É importante que preconceitos, tabus e mitos em relação à sexualidade sejam introjetados junto com o saber científico.” (COSTA et al., 2001, p.6)

A intervenção surgiu como forma de sanar algumas dúvidas identificadas com a aplicação do questionário. Procuramos construir dessa forma, uma palestra rica em informações e imagens a respeito desse tema, tão inquietante. Foi feito uma abordagem sobre

sexualidade, ISTs e métodos de prevenção.

Além disso, deixamos um espaço reservado, para que os educandos pudessem se expressar, tirando suas dúvidas anonimamente. Enquanto discutíamos a respeito do tema na palestra, disponibilizamos um envelope, para que, os alunos pudessem escrever suas dúvidas e no final abrimos um espaço para responde-los.

Figura 01: Palestra sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)



Fonte. Arquivo pessoal: Eduardo Gomes. <http://www.pibidbiologia.com/atividades-desenvolvidas/grupo-1/palestra-dsts/>

Ao final da palestra, encontramos questões bem pertinentes dos alunos, como por exemplo o questionamento do (aluno A), que disse: “Até sexo oral tem que fazer com camisinha?” , outras também surgiram: “ beijo na boca transmite ISTs?”, (aluno B). E uma terceira pergunta bastante importante: “ todo corrimento é sintoma de uma IST?”, (aluno C). Outros educandos se pronunciaram durante a palestra ao ver as imagens e diziam “ A partir de hoje eu vou me cuidar”, e “que coisa feia”, em muitos momentos viraram até o rosto, evitando olhar as ilustrações com os sintomas das mais diversas ISTs.

A palestra possibilitou um momento bem participativo, apesar de alguns alunos ainda se sentirem envergonhados, principalmente com a exibição das imagens ilustrativas das infecções. Mas, as imagens são de extrema importância nesse processo. Esse estímulo visual “têm sido cada vez mais utilizadas em uma tentativa de estimular o interesse dos discentes por diversos temas e facilitar os processos de ensino e aprendizagem, tornando a leitura mais agradável, intercalando-se ao texto verbal, seja como forma de

explicação, complementando esse texto” (CAMPANHOLI, 2014, p7). Pois a partir delas os alunos começam a se sensibilizar e preocupar-se com seu corpo, com suas atitudes, cuidando-se mais. Notamos através das falas e expressões a tensão acompanhada de medo, em contrair uma IST.

Conclusão

Ainda existem lacunas a respeito do tema, por isso, essas intervenções devem ser trabalhadas de forma contínua com esses educandos. Nota-se também que a Aids é a ISTs mais conhecida, deixando as outras ISTs praticamente do desconhecimento. Esse é um dado crucial, para que os docentes, bem como o governo possa trabalhar em função dessas informações. Ampliando as campanhas, não só dando ênfase a Aids, mas também para outras infecções, que não são menos importantes. O apoio do governo numa perspectiva de construção de políticas públicas voltadas para esse público é de extrema importância. Não só para os educandos, mas também para os profissionais que encontram-se todos os dias nas escolas, lidando com esse tipo de questionamento, e recuando na maioria das vezes, por não estarem preparados.

Além disso, foi notório o quanto os professores tem um papel importante, no que diz respeito a confiança do educando em ir em busca desse conhecimento. Por isso, não se deve excluir esse tipo de conteúdo das escolas, este é o lugar da aprendizagem formal, de discussão e trocas de experiências, e até mesmo de formação de multiplicadores do conhecimento. É na escola que os sujeitos esperam que sejam trabalhados esses temas.

Referências

BERALDO, F.N.M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) [online]. 2003, vol.7, n.1, pp. 10-104. ISSN 2175-3539 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572003000100012>. Acesso em: 06 de agosto. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, 1997c.

CAMARGO, E.A.I.; FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes

e após a participação em oficinas de prevenção. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, 2009.

CAMPANHOLI, J.A.M. **Fotografia e Educação: O Uso da Fotografia Na Prática**

Docente. Revista Primus Vitam Nº 7 – 2º semestre de 2014. Disponível em:

http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_7/julie.pdf. Acesso em: 05 de setembro. 2017.

COSTA C.O.M; LOPES C. P; A; SOUZA R.P; PATEL B.N. Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *J Ped* 2001; 77(supl 2): 217-24.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 6-7, abr./jun. 2005. Disponível em: www.adolescenciaesaude.com. Acesso em: 05 de agosto. 2017.

FIGUEIRÓ. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Anais do I congresso de educação inclusiva**. Ourinhos, 2003.

LINS L.C.S; PEREIRA E.M.D.R; LIRA I.V. **Como anda a educação sexual dos jovens**. *Rev Bras Enferm* 1988; 41(2):121-131.

Ministério da Saúde (BR). **Boletim epidemiológico Sífilis**. Ano V. n.35. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

WEREBE, Maria José Garcia. *A educação sexual na escola*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.